



VIAGENS

ONDE IR EM FEVEREIRO



VENEZA
Itália

Vai ser preciso alguma paciência para tanto turista e uma marcação com antecedência, mas o Carnaval em Veneza é uma das melhores experiências que alguém pode ter na vida.



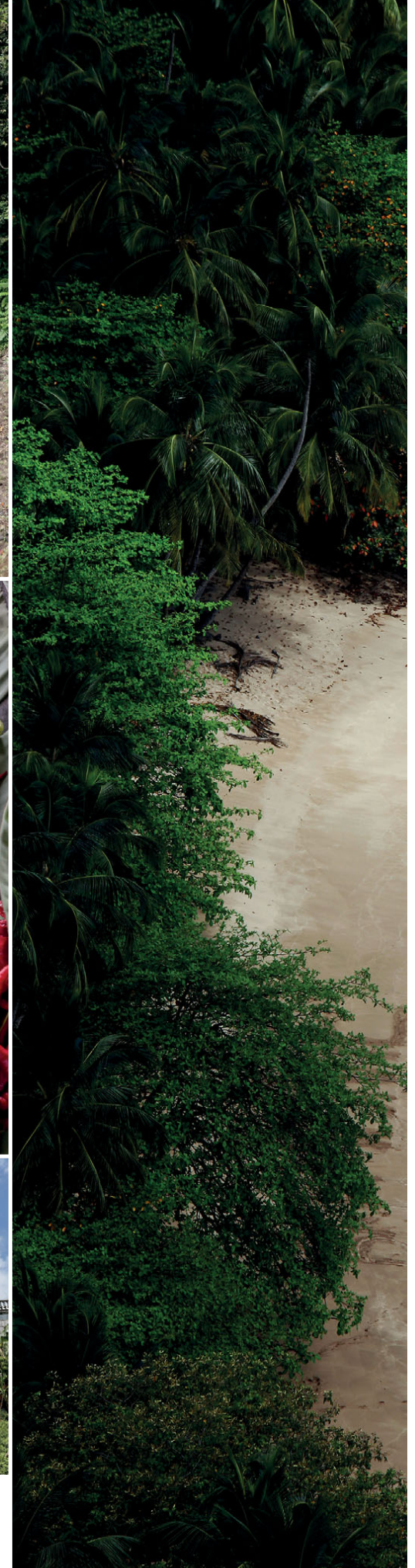
COPENHAGA
Dinamarca

O jazz está em grande destaque em todo o país, durante o mês de fevereiro. Mas o Vinterjazz, que decorre de 1 a 24, na capital, promete uma animação inesquecível, capaz até de enganar o frio.



PALAWAN
Filipinas

Esta é a melhor época para visitar a ilha e mergulhar em algumas das praias mais espetaculares do planeta – e sem uma multidão de turistas





São Tomé e Príncipe

O DOCE PAÍS DE ÁFRICA

TERRA DE CACAU E DE CAFÉ,
DE SORRISOS E BRAÇOS ABERTOS, ESTE
PEQUENO PAÍS DA ÁFRICA CENTRAL
É UM MUNDO DE BELEZA A EXPLORAR



MARGARIDA VAQUEIRO LOPES

Primeiro é o cheiro da terra, da humidade, do calor. Depois, os sorrisos abertos e o acolhimento genuíno de quem está feliz por nos ver. A chegada ao arquipélago de São Tomé e Príncipe é feita com um misto de curiosidade e de alegria, de quem já conhece um pouco de África mas se arrisca a descobrir que esta é uma África diferente: verde, finita, com pouca energia elétrica mas com uma generosidade e uma abundância natural que não deixarão de surpreender durante os 11 dias que nos recebe.

Chegar de noite a São Tomé obriga a um rápido choque de realidade: a iluminação pública é reduzida e, nos cerca de 20 minutos que leva o caminho do aeroporto até ao hotel, a luz falhou duas vezes. As crises de energia têm sido constantes na capital, onde a central de produção de energia ainda é do tempo colonial. As outras quatro centrais da ilha – uma das quais hidroelétrica – têm, por seu lado, acusado a falta de manutenção e deixado comunidades inteiras sem energia elétrica durante vários dias. No Pestana São Tomé, onde nos instalámos durante as primeiras noites, o mundo é outro: geradores garantem que não há falhas, produtos importados trazem-nos Portugal para a mesa e uma incrível piscina com beiral infinito dá-nos uma das vistas mais bonitas sobre a cidade de São Tomé. Mas é só quando saímos para a capital, para o primeiro reconhecimento a pé, que finalmente começamos a perceber de que é feito este arquipélago “perdido” no Golfo da Guiné.

A cidade vê-se, literalmente, numa manhã. E isto sem estugar o passo e sem trajetos definidos. Vale a pena conhecer São Tomé a pé – é um lugar seguro e os locais de interesse estão referenciados: a Sé Catedral, ao lado do Palácio Presidencial, o mercado municipal, a Praça da Independência, o Forte de São Sebastião e a Cacau – uma associação cultural maravilhosa e uma pequena cooperativa de artesãos locais ao lado do Arquivo Nacional. A cidade parece um lugar parado no tempo, com os seus edifícios coloniais a albergarem pequenas lojas, as estradas de terra batida e os pescadores a amontoarem-se nas praias para vender o peixe. Cidade suja e com esqueletos de navios na orla da praia deixa-nos uma estranha sensação de abandono que não contávamos encontrar. Salvou-nos o almoço delicioso



VIAGENS

que partilhámos no Xico's, no centro, cheio de ilhéus e com pratos do dia – peixe, obviamente – a oito euros. A viagem estava só a começar e nós já tínhamos a certeza de ter tomado uma boa decisão ao ter guardado apenas um dia para a capital.

A GENTE E AS ROÇAS

Conhecer São Tomé é perdermo-nos nas suas roças, nos caminhos de terra batida, nos abraços daquela gente que fica genuinamente feliz por tirarmos uma fotografia todos juntos enquanto partilhámos nomes e origens. Com a ajuda de um guia local e de um 4x4 – único meio de transporte possível –, percorremos as chamadas rotas do Norte e do Centro em dois dias. É a norte que São Tomé mais se parece com a África do *Rei Leão*, que povoa o nosso imaginário. A paisagem é menos verde, o clima mais seco e as praias absolutamente imperdíveis. É aqui também que encontramos as roças mais bonitas e imponentes, como a Agostinho Neto, uma das mais proeminentes dos tempos coloniais, e hoje um lugar de edifícios em mau estado onde moram cerca de 700 pessoas, que ocupam as antigas sanzalas, casa principal, hospital... São todos descendentes dos antigos escravos e não conhecem outra casa ou outra realidade. Os mais velhos sentam-se à sombra, os mais novos deambulam entre os campos de futebol e o campo. A Igreja Católica e a escola são os únicos edifícios que se mantêm intocados, porque em funcionamento, enquanto a agricultura de subsistência vai dando às famílias o que comer. Juntos em pequenas cooperativas, tentam sobreviver num país onde o desemprego impera (dados da OCDE mostram que entre 2000 e 2015 a taxa de desemprego média foi de 15%) e as consequências de uma apressada descolonização ainda se fazem sentir. A roça Diogo Vaz ganhou uma espécie de nova vida com uma empresa privada a fazer a gestão da parte agrícola – o que parece refletir-se na qualidade de vida das cerca de três centenas de habitantes – e a proximidade com o Mucumbli, um resort mesmo à beira da praia, traz alguns turistas que animam a economia.

Foi também a norte que encontramos a belíssima Praia dos Tamarindos, lugar escondido entre a vegetação e com água a rondar os 26°C, onde de-

zenas de crianças se divertem a chapinhar num domingo solarengo enquanto os pais descansam à sombra das frondosas árvores que fazem fronteira com o areal. Encontrámos, um pouco mais a norte, o padrão deixado pelos navegadores portugueses e, uns quilómetros depois, fomos apresentados ao Cemitério de Angolares: a escarpa por onde eram atirados ao mar, de pés e mãos atados, os escravos que deixavam de ter força para trabalhar no cacau ou no café. A história é contada assim, a seco. Perante o nosso silêncio, o guia sorri. “Já passou e nós sabemos que não são vocês os culpados. Gostamos muito de vos ter cá”, atira, enquanto volta para o carro pronto a mostrar-nos, orgulhoso, a cidade de Neves, a mais industrial da ilha e casa da cerveja Rosema. É também aqui que se come a melhor santola da ilha, dizem, num restaurante com o mesmo nome do crustáceo e no meio de uma comunidade barulhenta e curiosa.

Ao centro, a quantidade de roças diminui, mas aumenta a beleza natural: o Parque Nacional Obô é uma visita incontornável para conhecer a flora endémica, sobretudo acompanhados pelo brincalhão Francisco, profundo conhecedor da região e da Natureza. A cascata de São Nicolau, com 30 metros de altura, é um espetáculo natural que impressiona – uma pena que a chuva torrencial daquele dia nos tenha impedido de dar o convidativo mergulho – e a Casa Museu Alma-da-Negreiros, um lugar demasiado caro e turístico mas simpático e que vale a pena conhecer, está tão escondida pela vegetação que almoçámos praticamente com folhas de bananeira em cima da mesa, enquanto galinhas passeavam à nossa volta.

De volta à realidade, entramos na roça Monte Café, com uma área de 500 hectares e cujo funcionamento

**CONHECER SÃO TOMÉ
É PERDERMO-NOS NAS
SUAS ROÇAS, NOS
CAMINHOS DE TERRA
BATIDA, NOS ABRAÇOS
COM AS PESSOAS**

Proximidade Mesmo nas comunidades onde se fala apenas o dialeto local, a empatia com as pessoas é fácil e fica como uma das melhores recordações da viagem



foi assegurado, até 2011, pelo governo líbio. A morte de Khadafi secou as torneiras, e hoje há uma cooperativa e uma empresa privada que tentam assegurar algum sustento para as famílias que lá vivem, enquanto os edifícios dão sinais de precisar de intervenção urgente. No Museu Monte Café, Leonor leva-nos numa viagem pelas memórias dos tempos coloniais – há cópias de “contratos” de escravos, máquinas de seleção, sacas de transporte de café e fotografias de época – e a conhecer o hostel que acabou de abrir, propriedade da Efraim, e que parece ser um sucesso.

LENDAS E PERCURSOS

Creio que é justo dizer que Anastácio Espírito Santo, o guia que nos acompanhou durante grande parte da viagem, tornou a visita a São Tomé ainda mais rica. Com ele descobrimos lugares escondidos no meio de comunidades que só falavam angolano, um dos muitos dialetos locais, o que nos permitiu conhecer a história de famílias que ainda hoje estão agradecidas a médicos portugueses que curaram os filhos em Lisboa. Deixou-nos na belíssima roça de São João dos Angolares, onde o chefe João Carlos Silva, à roda dos seus tachos, delicia os turistas com almoços de degustação cheios de sabores de São Tomé. Esta é a única roça do país recuperada e em pleno funcionamento: há café, animais, uma galeria de arte, uma escola primária e uma escola de cozinha. A pousada, que funciona na casa principal, tem ainda mobiliário original e vários documentos antigos ao lado de uma biblioteca que pode entreter-nos durante vários



dias. Aqui acorda-se com cheiro a lenha queimada, com os galos a cantar e com os ruídos normais de um dia de trabalho no campo.

Voltamos à estrada para descobrir a lenda do Barão de Água Izé, segundo a qual ele entrava no mar sentado no seu cavalo, numa zona conhecida como Boca do Inferno, para sair em Portugal, uma semana depois. A escarpa batida por mar feroz dista cerca de dois quilómetros da roça Água Izé, da qual era dono, uma das mais ricas dos tempos coloniais. Hoje é das mais populosas – e mais pobres. Aqui há crianças que nos saltam para o colo, que nos assaltam com perguntas, abraços e pedidos de doces, há quem nos olhe com curiosidade e quem apenas nos veja passar quase sem reação. À medida que vamos descendo para

sul, as comunidades vão sendo ainda mais costeiras, aldeias feitas de pescadores pobres e de empregados do Estado que trabalham na manutenção das estradas. Sabemo-lo porque Anastácio os conhece e eles lhe contam que estão há quase cinco meses sem receber – aqui, o salário mínimo ronda os 40 euros. Entretêm-se com atividades culturais, atuando para grupos de turistas que os guias lhes vão trazendo, o que ajuda a esconder a falta de dinheiro. Comida, felizmente, há em abundância. “Quase toda a gente pesca, tem uma horta, animais... E as crianças apanham muita fruta das árvores. E se falta a alguém, a vizinhança mexe-se para conseguir resolver”, conta-nos o nosso guia de 55 anos, que começou a trabalhar como professor e está a tirar agora um curso de Inglês. À medida

Cidade A capital vê-se num dia, mas vale a pena percorrê-la a pé, a apreciar os antigos edifícios coloniais

que nos aproximamos da vila de Porto Alegre, a última servida por caminho alcatroado, aumenta a presença de pessoas à beira da estrada. Estão a tentar recrutar turistas para os barcos que fazem a travessia para o Ilhéu das Rolas, cobrando menos do que o Pestana Equador, o único hotel existente na ilha. Se o Norte da ilha nos lembra o *Rei Leão*, é justo dizer que o Sul nos remete para *Tarzan*, com a humidade constante e a floresta tropical a parecer engolir-nos.

Optamos por ficar a dormir na praia Inhamé, ainda mais a sul, e de onde é possível ir a pé até às praias Jalé e Piscina. É aqui que conhecemos uma família portuguesa com quem vamos passear no dia seguinte até ao Ilhéu das Rolas, numa espécie de excursão informal. A Praia Jalé é uma das favoritas das tartarugas que precisam de desovar e onde é possível, com acompanhamento, observar esse histórico fenómeno. A Praia Piscina é considerada uma das mais bonitas de São Tomé e é segura para mergulhar. Quem também adora esta região são os mosquitos, que parecem à prova de qualquer repelente. Mas, ainda assim, vale o esforço: dormimos a ouvir apenas o marulhar das ondas ou a chuva tropical, e acordamos ao som de pássaros, galos e o murmúrio das folhas. Na praia para a qual desciam as escadas do nosso bungalow, foi fácil



VIAGENS

São João dos Angolares É aqui que o chefe João Carlos Silva, à roda dos seus tachos, delicia os turistas com almoços de degustação cheios de sabores locais



apanhar o barco do Kimilson, e em 10 minutos chegámos ao Ilhéu das Rolas. É capaz de ser um dos lugares mais calorosos do arquipélago, com apenas 200 habitantes e uma pobreza que nos incomoda assim que pousamos um pé na areia. Uma caminhada de 20 minutos permite-nos chegar à tão esperada linha do Equador e aos vários vendedores de artesanato que tentam sobreviver do turismo. O Ilhéu das Rolas é particularmente (ou somente) rico em recursos naturais e em simpatia. Foi precisamente um dos pescadores que nos deu almoço na praia: à beira-mar na Praia Café, recebemos, depois de um mergulho revigorante, travessas de peixe grelhado, fruta-pão frita, banana-pão assada e cerveja fresca.

O PRÍNCIPE ENCANTADO

Se acha que ir a São Tomé e Príncipe é poder falhar a última ilha, desengane-se: o Príncipe é, efetivamente, a cereja no topo do bolo desta viagem. A começar pela aterragem, que é uma experiência sociológica, sendo o acontecimento diário mais relevante da mais pequena capital do mundo, Santo António. Não estranhe, portanto, as dezenas de rostos que o observam enquanto sai do avião. À nossa espera já estava um simpático principense que, juntamente com vários outros colegas, aguardava os recém-chegados como nós, para ajudar a chegar a um dos poucos alojamentos disponíveis na ilha. O grupo Here Be Dragons (HBD),

do sul-africano Mark Shuttleworth, é o dono dos três mais luxuosos – Bom Bom, Roça Sundy e Sundy Praia Lodge –, enquanto um empresário holandês tomou as rédeas da roça Belo Monte há cerca de quatro anos, contam-nos mais tarde. Há ainda o Makaira Lodge e duas pousadas antigas no meio da cidade.

Classificado como Reserva da Biosfera em 2012, o Príncipe tem mais de 55% da sua área protegida, e tem apostado fortemente na conservação da flora e da fauna. É o caso do programa de proteção de tartarugas marinhas, que envolve escolas, organizações não governamentais (ONG) e empresas, e que já conseguiu reverter o ciclo de extinção das espécies mais comuns na ilha. Foi o sorridente Hualton Carvalho quem nos falou do assunto, durante as duas horas que passámos juntos,

RESERVA DA BIOSFERA DESDE 2012, O PRÍNCIPE TEM MAIS DE 55% DA SUA ÁREA PROTEGIDA, E TEM APOSTADO FORTE NA CONSERVAÇÃO DA FLORA E DA FAUNA

às escuras e em conversa sussurrada, à espera que uma tartaruga asa-branca desovasse para que ele pudesse medi-la, ver que idade tinha, confirmar que já era acompanhada pelo seu grupo desde 2009 e colocar-lhe a placa identificativa em falta na pata direita. Hualton acompanha tartarugas há 20 anos, dá palestras em escolas e, nos tempos livres, é músico.

Sentimo-nos no Príncipe ainda mais acolhidos do que em São Tomé e deliciamo-nos com a alegria constante das crianças: foi na roça Sundy que encontramos o maior número de miúdos por metro quadrado, ouvindo as suas gargalhadas e correrias nos jardins enquanto percorríamos a casa senhorial, agora transformada em boutique hotel. Demos infindáveis mergulhos nas exóticas e desertas praias da ilha, bebemos água de coco, acenámos para todas as pessoas por quem passámos e que nos saudavam alegremente, descobrimos dezenas de plantas que tudo curam ou resolvem, experimentámos o melhor cacau fresco e sustivemos a respiração centenas de vezes com a paisagem verdejante a perder de vista. Emocionamo-nos com as trabalhadoras da roça Paciência e gargalhámos com a Zinha e a Bela, da Cooperativa de Valorização de Resíduos, que nos contaram as suas histórias de vida e de luta. Deliciamo-nos com o peixe fresco, a grana caseira, o picante da D. Judite e a banana-pão – sempre a banana-pão. Deleitamo-nos com o silêncio natural e sobretudo com a tentativa de todos de impactar pouco a Natureza, o que nos obrigava a andar com pouca luz, a levar connosco qualquer pedaço de lixo que fizéssemos ou encontrássemos e a saltar por cima dos caranguejos que passavam às centenas debaixo dos nossos pés.

Demos, por isso, por bem gastos todos os cêntimos (e são muitos, que o Príncipe consegue ser um destino ainda mais dispendioso do que São Tomé) que decidimos investir numa viagem que dificilmente nos sairá da memória. Neste arquipélago, o tempo passa devagar, a vida descomplica-se e a gratidão surge naturalmente. O “espírito leve-leve” de que todos falam é real. E como não conseguimos trazê-lo connosco no regresso à realidade, resta-nos fazer planos para voltar assim que possível. ■ mvlopes@exame.pt



Guia

Voos

A TAP e a STP Airways operam voos de Lisboa para São Tomé com relativa regularidade, com preços a partir de €650. De São Tomé para o Príncipe, há voos diários da STP Airways e da Africa's Connection, a partir de €150.

Transporte

Dentro da ilha, a melhor opção é mesmo alugar um carro, o que pode fazer através do hotel ou do Turismo. As viagens são totalmente seguras, mas contratar um guia é garantia de que não vai perder nenhum lugar interessante.



Alojamento

Já há várias opções de alojamento em São Tomé e Príncipe, mas se puder não deixe de passar uma noite em São João dos Angolares para sentir o verdadeiro espírito da ilha e viver ao ritmo da Natureza.

Gastronomia

A dieta é feita à base de peixe, fruta-pão, banana-pão, arroz e legumes. É fácil encontrar carne, mas aqui o peixe, o polvo e a santola são reis. Uma refeição já com bebidas custa, em média, €10.

Dinheiro

A moeda oficial do país é a dobra, mas quase todos os lugares aceitam notas de euro – o troco é dado em dobras.

A ilha não tem multibanco e a maior parte dos lugares não aceita pagamento com cartão. É perfeitamente legal cambiar dinheiro na rua – há vários cambistas à caça de turistas –, mas tenha em atenção a taxa oficial:
1 euro = 24,5 dobras.